

Guardiões da memória: um estudo na Serra do Evaristo sobre os aspectos semelhantes entre cultura africana e brasileira

Josimar dos Santos¹, Luana Mateus de Sousa²

¹Mestre em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Brasil.

²Doutoranda em Ecologia e Recursos Naturais, Universidade Federal do Ceará, Brasil. (*Autora correspondente: luanamateus@aluno.unilab.edu.br)

Histórico do Artigo: Submetido em: 27/04/2020 – Revisado em: 05/06/2020 – Aceito em: 10/08/2020

RESUMO

O presente trabalho busca compreender a importância que os guardiões da memória exercem na formação da cultura de crianças e jovens na comunidade quilombola Serra do Evaristo no Maciço de Baturité – CE, por meio de uma relação com o papel dos anciões na África. Metodologicamente o estudo fundamenta-se em uma abordagem qualitativa e baseia-se na pesquisa em campo, associada a leitura bibliográfica para compreender a relação entre os guardiões da memória da Serra do Evaristo e sua ligação com os ancestrais africanos. Através do estudo, perceber-se que nas sociedades africanas tradicionais a função do ancião é de transmissão da herança cultural para às novas gerações, fato semelhante ao papel do guardião da memória na comunidade quilombola da serra do Evaristo que é a de manter viva as tradições e costumes da comunidade. Demonstrando as similaridades das relações entre ancião e guardião memória no processo de formação da consciência e estratégias de luta para fortalecer a identidade de pertencimento ao território e a cultura.

Palavras-Chaves: Ancestralidade, Serra do Evaristo, Maciço de Baturité.

Guardians of memory: a study in Serra do Evaristo on similar aspects between African and Brazilian culture

ABSTRACT

The present work seeks to understand the importance that the guardians of memory play in the formation of the culture of children and young people in the quilombola community Serra do Evaristo in Maciço de Baturité – CE, through a relationship with the role of elders in Africa. Methodologically the study is based on a qualitative approach and is based on field research, associated with bibliographic reading to understand the relationship between the memory keepers of Serra do Evaristo and their connection with African ancestors. Through the study, realizing that traditional African societies have a function of transmitting cultural heritage to new generations, similar to the role of the guardian of memory in the quilombola community of Serra do Evaristo, which is to keep the traditions and customs of the community alive. Demonstrating the similarities in the relationship between the elder and the memory guardian in the process of forming awareness and fighting strategies to strengthen the identity of belonging to the territory and culture.

Keywords: Ancestrality, Serra do Evaristo, Maciço de Baturité.

Santos, J., Sousa, L.M. (2020). Guardiões da memória: um estudo na Serra do Evaristo sobre os aspectos semelhantes entre cultura africana e brasileira. **Revista Brasileira de Meio Ambiente**, v.8, n.4, p.14-22.



Direitos do Autor. A Revista Brasileira de Meio Ambiente utiliza a licença *Creative Commons* - CC Atribuição Não Comercial 4.0.

1. Introdução

Construída em grupos, a memória também se configura como um trabalho do sujeito (Halbwachs, 1990). Na história dos povos africanos, essa memória é representada pelos anciões que exercem um papel crucial de preservação da sabedoria popular, sendo estes os principais condutores da vida em comunidade, por meio da união entre o passado, futuro, do ensinamento a crianças e jovens. Na concepção de Amadou Hampaté-Bâ, poeta do Mali, “quando morre um africano idoso é como se queimasse uma biblioteca”, uma vez que é deste a função de transmissão oral de conhecimento para às demais gerações.

Na cultura africana os anciões são símbolos de autoridades e ocupam um lugar bem definido em categoria social: repassar a sabedoria dos ancestrais, perpetuação cultural. Os diversos movimentos realizados pelos povos africanos possibilitaram o surgimento dos quilombos entre os séculos XV e XVII. A palavra quilombo é originária dos povos de línguas bantu e surgiu como uma prática da política dos grupos étnicos bantu que necessitava ocupar os territórios de seus percursos migratórios (Munanga, 1996).

No Brasil os quilombos teriam surgidos no século XVI, quando povos bantu foram aprisionados e trazidos para estas terras. Os quilombos brasileiros ganharam uma característica de luta e resistência contra a escravidão, este espaço abrigava organizações onde os negros escravizados, fugidos de seus senhores reuniam-se manifestando sua cultura e liberdade, sendo identificados por escritores, viajantes e autoridades como algo nocivo à sociedade do período colonial (Fiabani, 2008). A falta de conhecimento e a interpretação errada da história resultou em uma exclusão social dos povos africanos, resultando em perda de saberes e promovendo a perpetuação do preconceito de cor oculto nas relações humanas (Maia, 2015).

Embora tenham sofrido diversas represálias as comunidades quilombolas resistem, preservam sua cultura e os conhecimentos oriundos de seus ancestrais. Estes conhecimentos são ainda repassados as futuras gerações com o intuito de preservar e manter viva a cultura quilombola (Lopes, 2019). Esse movimento de aceitação pode ser visualizado nos dados da Fundação Cultural Palmares (FCP), que destacam a existência de cerca de 3.271 Comunidades Remanescentes de Quilombos (CRQ) no território brasileiro, destas 2.729 foram certificadas pela instituição. No estado do Ceará, os dados da CERQUICE- Coordenação Estadual das Comunidades Quilombolas do Ceará existem 85 comunidades. No entanto, são reconhecidos pela FCP, de acordo com a portaria 268/2017 de 02/10/2017, apenas 49 comunidades no estado.

Dentre as comunidades já reconhecidas está a comunidade quilombola Serra do Evaristo, no Município de Baturité na região serrana do Ceará, da qual atende todos os critérios exigidos, mais do que isso, a comunidade representa a resistência e a preservação da cultura Afro-brasileira, reconstruindo sua trajetória histórica, enfrentando desafios organizativos e a integração de famílias a comunidade a partir de meados da década de 1990, onde está inferência, mesmo que pequena interpõe-se na identidade e compreensão de suas tradições.

Considerando todos os elementos adversos enfrentados pela comunidade, o pertencimento nas suas raízes africanas tanto na organização do grupo de capoeira, de tambor, artesanato, do eco museu dos guardiões da memória é forte na comunidade. Diante do supracitado, o presente estudo busca compreender a importância que os guardiões da memória, exercem na formação e principalmente na preservação da cultura das crianças e jovens da Comunidade Quilombola Serra do Evaristo, analisando a semelhança com o papel exercido pelos anciões nas comunidades africanas.

2. Qual o papel da ancestral na cultura africana?

As relações cognitivas e interpessoais são estabelecidas tanto coletivamente como individualmente, quando há uma necessidade humana em explicar o mundo por meio de uma linguagem que responda as necessidades momentâneas, possibilitando a construção de uma moral singular que atenda ao princípio da vida social de um determinado grupo. Neste processo de construção o pensamento religioso africano contribuiu

culturalmente com muitos povos, principalmente no que se refere as grandes indagações relacionadas a origem da humanidade, do universo em uma perspectiva metafísica.

É possível visualizar uma hierarquia, traço comum nas diversas religiões, essas características são comuns tanto nas religiões politeístas como nas religiões monoteístas e apresentam-se como um elemento do poder por meio da autoridade divina. Na religião africana o sagrado se configura de maneira diferente na história, de forma única, porém com muitos elementos internos e externos determinantes. Um dos fatores preponderantes na relação com o sagrado das religiões africanas é a reciprocidade divina com a ancestralidade, a valorização do conhecimento extraído dessa relação do senso comum do nativo africano de que os ancestrais são os guardiões extramundanos da moralidade, bem como toda a sua preocupação, e cuidar dos assuntos dos membros vivos de suas famílias, recompensando a conduta correta e punindo o seu oposto, com justiça inquestionável, ao mesmo tempo em que, em todos os momentos, trabalham para o bem-estar deles.

Na cosmovisão africana a relação metafísica da religiosidade e suas concepções apresentam não só a interpretação abstrata espiritual, mas também uma razão filosófica construída em sociedade por meio de uma moral humanista disseminada pelas relações humanas das ancestralidades. Neste contexto, a ancestralidade africana se constrói pela relação bilateral com a figura do ancião, porém ambos são preponderantes nas suas relações construtivas nas sociedades africanas, não podendo um existir sem o outro, pois a construção do sagrado se dá justamente pela vivência, experiência de vida adquirida pelo ancestral quando encarnado. Os elementos de sua vida como cultura, tradições e princípios morais irão acompanhá-los no mundo espiritual compondo elementos da ponderação de uma nova moral a ser estabelecida em sociedade, sempre com o princípio de que é fundamental o respeito ao ancião, já que este é o responsável pela propagação e defesa do ancestral no mundo terreno.

Com a imposição da filosofia a religião do dominador europeu, que durante séculos, impôs através de sua religião a sua moral, cultura e valores como forma de dominação ideológica, principalmente na religiosidade africana. Essa dominação ideológica promoveu o estabelecimento de uma condição de inferioridade, em que o colonizador europeu de forma intencional e descarada por meio de sua ignorância difundiu que a mente africana estava em uma condição muito rude para ser capaz de um sentimento ou percepção religiosa (Kwasi Wiredu, 1996).

Nesta perspectiva autores africanos têm se debruçando nas últimas décadas na construção da história da filosofia da religião africana, sua pluralidade de elementos que inclusive são base para o surgimento filosófico e teológico fundamental para grande parte das religiões da atualidade, elemento ativo na filosofia grega romana. Vale referir que o continente africano apresentou muitas contribuições tanto de caráter espiritual, cultural e uma razão filosófica construída em sociedade por meio de uma moral humanista disseminada pelas relações humanas das ancestralidades.

3. Conhecendo a comunidade quilombola da Serra do Evaristo

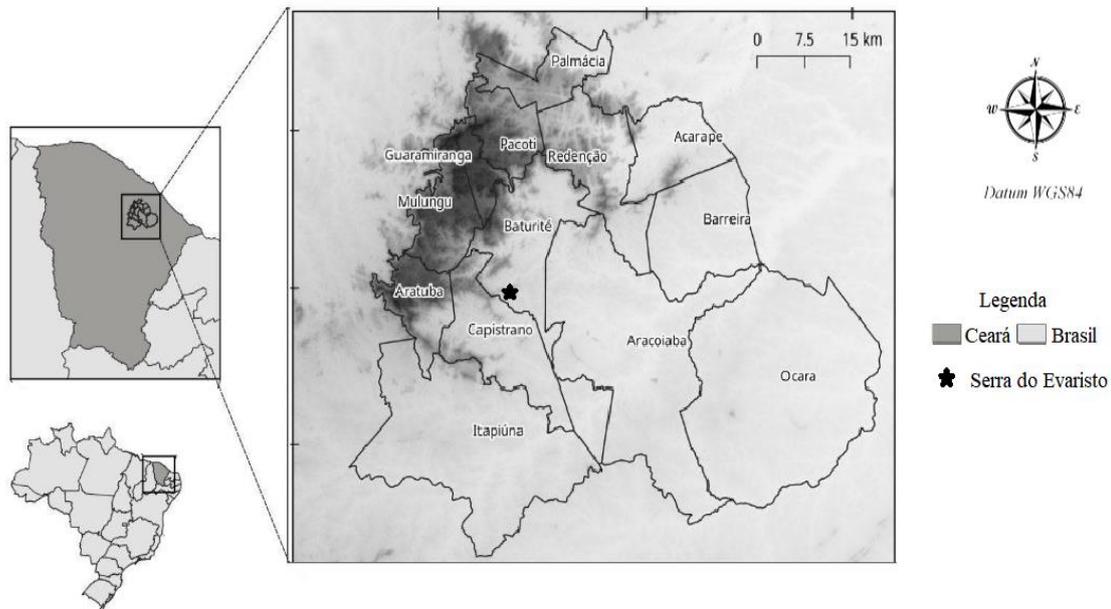
A formação dos quilombos cearenses caracterizou-se por um intenso processo de luta, compreender historicamente as batalhas e superação do povo quilombola é conhecer a história de construção social do povo cearense que passou por uma tentativa de submissão, sofrendo extrema desigualdade de poder e saberes. Neste processo de desigualdade os sujeitos são submetidos a um processo de sociabilidade na qual sua cultura acaba desprivilegiada (Lima & Silva, 2019).

Neste cerne, compreender a perspectiva dos quilombos cearenses, sua cosmovisão, aprofundar, divulgar o conhecimento sobre os povos quilombolas e suas relações com o continente africano e o papel dos anciões nesta relação é fundamental para romper com o preconceito. Esse processo de rompimento pode ser visualizado na comunidade quilombola da Serra do Evaristo que resiste e busca perpetuar a memória de luta do seu povo.

A comunidade quilombola da Serra do Evaristo (Figura 1), localiza-se no município cearense de Baturité, aproximadamente 120 quilômetros da capital, Fortaleza. Atualmente, residem aproximadamente na

comunidade 130 famílias, totalizando 450 pessoas. O acesso à comunidade no trecho urbano inicia-se com estradas com calçamento, logo passando para vias de chão batido até chegar ao pé da serra que dá acesso a comunidade, onde recentemente se concluiu um calçamento a tempos esperado pela comunidade, a estrada é sinuosa, íngreme, com um grande desfiladeiro e sem qualquer tipo de sinalização e iluminação.

Figura 1 - Localização Geográfica do Quilombola da Serra do Evaristo.



Fonte: Autores (2020).

A organização da comunidade quilombola da Serra do Evaristo, compreende a escola, o grupo de jovens, artesanato, dança de São Gonçalo, associação comunitária, grupo de capoeira, casa de semente, grupo de tambor, farmácia viva e o eco museu, na sua maioria instituições sociais internas da comunidade, com exceção da escola, que é uma instituição pública municipal regida pela Lei de Diretrizes e Base da Educação - LDB. A inserção das instituições da comunidade as políticas públicas governamentais contribuem para a formação da consciência a partir do processo de ensino aprendizagem dentre as quais se incluem ações de pertencimento ao território e cultura.

Para as comunidades tradicionais, o território está ligado ao campo simbólico e não simplesmente às relações de poder. Esse território associa-se ao sentimento de pertencimento à terra, à história, às lutas, à identidade e aos rituais que promovem a construção do discurso que legitima as suas representações e identidade social (Oliveira et al., 2016).

A territorialidade quilombola transpõem a dimensão geométrica e constrói o direito das comunidades negras rurais de nela estar e nela permanecer, manifestada na luta pela permanência no território, que neste caso, é uma conformação territorial protagonizada por coletividades autônomas, mesmo que não usando essa nomenclatura, cultivam uma territorialidade específica em relação às demais territorialidade dos povos e populações tradicionais (Malcher, 2017, p. 60)

A ocupação do território pode ser considerada como algo gerador de raízes e identidade, onde um grupo social não pode ser compreendido sem o seu território, no sentido de que a identidade sociocultural das pessoas está, invariavelmente, ligada aos atributos da paisagem (Gorayeb & Meireles, 2014). A relação estabelecida

entre povos africanos, escravos nascidos no Brasil, índios e brancos pobres com o território contribuiu para sua trajetória histórica, garantindo a reprodução física, social, econômica e cultural (Santos, 2019).

A representatividade do território na dinâmica quilombola da Serra do Evaristo estimulou a preservação da histórica cultural da comunidade. Em 2012, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, organizou na comunidade algumas escavações com o auxílio da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE e da Associação Comunitária Serra do Evaristo. Na ocasião foram encontradas urnas funerárias, utensílios aos quais foram atribuídos a comunidades indígenas que viveram na região em tempos remotos e que de acordo com a datação feita em carbono14 no Laboratório Beta Analytic, localizado em Miami, na Florida (EUA), datam do início do século XIII, ou seja, antes da ocupação dos portugueses no continente americano, os achados arqueológicos deram origem a um museu comunitário da Serra do Evaristo, fundado em setembro de 2013.

O museu abriga um rico acervo arqueológico, como urnas funerárias, machadinhos de pedra polida, fusos entre outros inúmeros vestígios arqueológicos com mais de 700 anos que compõem o acervo. O museu é administrado pela comunidade com acompanhamento do IPHAN - CE, a decisão de quais peças entram na exposição e quais ficam na reserva técnica é de responsabilidade de uma equipe de membros da associação comunitária e alguns jovens que foram preparados para guiarem as pessoas durante a visita ao museu.

Neste processo, as ações desenvolvidas pela comunidade após a construção do museu concentram-se no resgate a memória por meio dos guardiões. Estimulando a ressignificação dos objetos encontrados nas escavações e promovendo a construção de um elo com o mundo ancestral, tão presente na espiritualidade africana, através dos anciões.

4. Representatividade do ancião na cultura africana e na Serra do Evaristo

Na cultura africana o ancião possui uma representatividade essencial, pois sua função é ligar o mundo da matéria com o mundo espiritual. Em diversos estudos sobre a cosmovisão, desenvolvido por africanistas como Munanga (2000), Mattoso (1982), Hampatê (2003) é evidenciado a falta de entendimento da interação do ancestral com o ancião, os autores acreditam que este fato ocorra pela falta de vivência nas religiões africanas ou pelo preconceito construído secularmente.

As religiões africanas se opõem as ideias de ordem e hierarquia das religiões dominantes do ocidente, uma vez que esta não tem santos e não veem isso como algo relevante para que consigam uma intercessão no mundo espiritual, pois o africano mantém uma relação mais pessoal com o ancestral, por meio de parentesco ou pelo convívio comunitário quando em vida do ancião, dessa forma, o africano vê nesta relação pessoal uma laço de ligação muito mais forte entre ele e o mundo espiritual.

Em sua amplitude, as religiões africanas revolucionam-se ao passo que há uma mudança constante de paradigmas no campo da moral constituída pelas comunidades africanas. Assim cada comunidade tem sua moral, no entanto sua raiz está no respeito ao seu grupo e as mudanças ocorrem sem perder a tradição. A existência espiritual do ancestral é fundamental para o fortalecimento da cultura do ancião nas comunidades africanas e o respeito ao ancião é inquestionável.

A estrita relação entre o mundo real e o mundo espiritual intriga o ocidente e os africanistas. No processo de colonização do continente, os europeus utilizaram-se da máxima desvalorização do conhecimento da filosofia, da espiritualidade e da tradição cultural dos povos africanos que de acordo com Kwasi Wiredu não podemos fazer uma generalização, porém precisamos superar:

Seja como for, há, nesse aspecto, uma suposição que precisamos rejeitar, pelo menos metodologicamente. Não devemos presumir que ter uma religião é necessariamente uma vantagem moral ou intelectual. Alguns dos primeiros visitantes europeus à África, partindo, ao que parece, principalmente de uma descarada ignorância, opinaram livremente que a mente africana estava em uma condição muito rude para ser capaz de um sentimento ou percepção religiosos. Em contraste, muitos

estudiosos africanos têm demonstrado interesse em provar que os povos africanos, por suas próprias luzes não suplementadas, foram capazes de desenvolver uma crença em Deus – e assuntos relacionados –, bem antes de um europeu pisar em África (Kwasi Wiredu, 2010, p.1).

Mesmo na atualidade com a informação da construção de uma religião africana sólida embasada na filosofia africana de valorização de uma moral coletiva e em constante transformação por meio da superação de paradigmas, ainda assim é possível observar por parte do ocidente, principalmente de setores mais conservadores do cristianismo, uma propagação negativa das religiões de matriz africana.

O Brasil, por exemplo, considerado o país com maior população negra fora do continente Africano e o segundo em população negra no mundo atrás somente da Nigéria no continente Africano, foi o último país do mundo a acabar com a escravidão negra no ano de 1888. Diante disto, é interessante nos questionarmos o porquê da falta de uma crença difundida do respeito ao ancião e a ancestralidade oriunda de nossas raízes africanas. São muitas as considerações a serem dialogadas, no entanto, as conclusões sempre serão as mesmas: a de uma intervenção nas culturas dos povos africanos e afrodescendentes, promovendo a desqualificação por meio da degradação moral dos elementos de sua cultura pela coerção ou pela força bruta.

A resistência ocorreu de diversas formas e com contornos históricos diferentes como podemos observar atualmente nas muitas formas de manifestações. No entanto, ainda é preciso resistir ao preconceito enraizado em nossa cultura pelo dominador, principalmente o que está presente nas manifestações religiosas como o catimbó, umbanda, quimbanda e muitas outras manifestações. Vale referir que esse preconceito é oriundo desde o período colonial brasileiro, ocasião em que as tradições africanas só poderiam ocorrer de forma natural nos quilombos, onde sua identidade étnica e sua interação na vida comunitária poderiam ser valorizadas por meio de seus iguais e a busca pelas suas origens.

Os quilombos representavam um espaço de resistência a imposição da força do dominador. Suas organizações estruturais eram muito parecidas com os modelos dos quais eles conheciam da tradição africana, sempre difundida por meio da oralidade dos mais idosos para os mais jovens ou pelos escravos recém chegados do continente africano. Cada quilombo no Brasil se organizava de acordo com a tradição da influência cultural da maioria do grupo étnico de sua matriz africana, neste cenário os guardiões da memória possuíam um papel estritamente relevante para essa construção. Outros elementos da cultura e da filosofia também eram agregados aos quilombos pelo convívio nos espaços de trabalho forçado ou nas senzalas.

Diversas interpretações e análises referentes a esse fenômeno quilombola surgiram no desenrolar da história brasileira (Fiabani, 2008). Superar essas manifestações preconceituosas, estereotipadas e edificadas culturalmente em nossa sociedade, tem sido urgente e necessária. Neste processo de valorização histórica de pertencimento as comunidades remanescentes de quilombo no Brasil, se organizam o desenvolvimento de ações orientadas pelo guardião da memória, através da ressignificação presente na espiritualidade africana pautada no respeito mútuo do mundo físico e da ancestralidade. Na comunidade quilombola da Serra do Evaristo o compromisso com o ancião acontece de forma frequente em espaços como a escola, reuniões da associação ou em atividades da comunidade: geralmente se organiza uma comitiva de guardiões da memória onde se faz o resgate da história sempre lembrando os mais jovens da importância da luta para as conquistas da comunidade e de sua inserção na sociedade baturitense.

A relação entre os quilombos na África e no Brasil são bem similares, uma vez que “Os quilombos na América é, sem dúvida, uma cópia do quilombo africano reconstruído pelos escravizados para se opor à estrutura escravocrata, pela implantação de outra estrutura política na qual se encontraram todos os oprimidos” (Munanga, 1996, p.60). A comunidade quilombola da Serra do Evaristo, por exemplo:

É uma categoria social relativamente recente, no entanto, representa uma força social relevante no meio rural brasileiro, dando nova tradução àquilo que era conhecido como comunidades negras rurais (mais ao centro, sul e sudeste do país) e terras de preto (mais ao norte e nordeste), que também começa a

penetrar o meio urbano, dando nova tradução a um leque variado de situações que vão desde antigas comunidades negras rurais atingidas pela expansão dos perímetros urbanos até bairros no entorno de terreiros de candomblé (ARRUTI, 2006, p. 26).

Na Serra do Evaristo os guardiões da memória ressaltam por meio da oralidade a necessidade de viver em comunidade, da preservação da comunidade, das atividades artísticas e religiosas, como a dança de São Gonçalo e a festa da coroação de Maria, que acontece no mês de maio. O festejo mais celebrado é o da padroeira Nossa Senhora da Conceição (Figura 2) que acontece no dia 08 de dezembro, com atividades que envolvem a maior parte da comunidade, já que em sua maioria se declaram católicos.

Figura 2 - Imagem de Nossa Senhora da Conceição em posição de destaque.



Fonte: Arquivo da comunidade, 2019.

Os dias que antecedem a celebração de Nossa Senhora da Conceição (Iemanjá no sincretismo religioso), são de muitos afazeres com um envolvimento muito grande da comunidade, tanto na preparação das novenas que acontecem durante nove dias seguidos com o culto a santidade, o debate de temas relevantes de cunho político, social, cultural ou qualquer outro debate da conjuntura local, nacional e até mesmo internacional. Desde que seja de interesse na interpretação do grupo responsável pela organização da noite da novena, esta proposta de organização vem da experiência e atuação das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) da igreja católica, onde a responsabilidade é de todos por incentivo dos anciões da comunidade, assim cada dia da novena tem um grupo responsável um dia: as mulheres, no outros os jovens, as crianças, os homens e todos os outros grupos organizados da comunidade.

A organização da comunidade é realizada com muita disciplina e responsabilidade, os mais jovens, por exemplo, se preocupam em atender as expectativas dos mais idosos. Inclusive, assumem diversas responsabilidades na organização dos festejos da padroeira que ocorre com uma celebração que reúne fieis na pequena igreja da comunidade, e tem uma duração próxima de duas horas, as pessoas saem da igreja se aproximam de uma palhoça ao fundo sempre felizes para assistirem rodas de capoeira ou batucada do grupo de percussão de jovens da comunidade.

É notório a espiritualidade e a ligação dos mais jovens com os mais idosos, sua relevância para a formação da moral e do sentimento de pertencimento destes jovens a comunidade. Mesmo os nativos da

comunidade que, por questões econômicas migraram do quilombo, sempre fazem questão de estarem em atividade de interação social na comunidade, dando a entender que o sentimento pelo local se dá pelas pessoas que ali estão e por aqueles que já se foram compreendendo a importância da preservação dessa memória para os mais jovens.

5. Considerações finais

Nas sociedades africanas tradicionais, a função do ancião é a de transmissão da herança cultural e da importância que os ancestrais possuem para às novas gerações, uma vez que conservar a memória coletiva das nações africanas implica na manutenção do patrimônio das tradições orais. Na comunidade da Serra do Evaristo, o ancião mantém viva as tradições e costumes da comunidade, resultado dos esforços do grupo de dirigente da comunidade em manterem as tradições e resistirem a migrações que ocorrem por fatores econômicos ou pela especulação imobiliária, que nas últimas décadas, causaram problemas de degradação ao sítio arqueológico, ao meio ambiente e ao autorreconhecimento étnico.

O enfrentamento da comunidade para manter suas tradições ocorre cotidianamente e de forma incessante contra o preconceito, toda e qualquer prática discriminatória e que atentem contra a liberdade e a moral das pessoas que vivem no quilombo. Diante desta situação, compreende-se a importância dos guardiões da memória como fundamental para a resistência as intransigências causadas pela intolerância ao modo de vida, a cultural, a organização social e participativa na luta por direitos dentro e fora do quilombo.

6. Agradecimentos

A comunidade quilombola da Serra do Evaristo no Maciço de Baturité - Ceará.

7. Referências

Arruti, J. M. (2006). **Mocambo – Antropologia e História do processo de formação quilombola**, Edusc/Anpocs.

Fiabani, A, 2008. **Os Novos Quilombos: Luta Pelas Terras e Afirmação Étnica no Brasil** (1988-2008). Tese de Doutorado. Programa de Pós graduação em História. Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. São Leopoldo. p.255, Brasil.

Gorayeb, A., Meireles, J. (2014. fevereiro 10). Cartografia social vem se consolidando como instrumento de defesa de direitos. Rede Mobilizadores.

Halbwachs, M. A. (1990). Memória coletiva. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, **Vértice/Revista dos Tribunais**. Tradução de: La mémoire collective.

Lima, I. C., Silva, D. (2019). Territórios quilombolas no Ceará: educação, processo histórico e identidades. **Braz. J. of Develop.**, Curitiba, v. 5, n. 6, p. 5814-5827.

Lopes, E. D. S., Paixão, C. F., Santos, D. B. (2019). “Os Cansaços e Golpes da Vida”: Os Sentidos do Envelhecimento e Demandas em Saúde entre Idosos do Quilombo Rincão do Couro, Rio Grande do Sul. **Psicol. cienc. prof.** v.39, Brasília.

Maia, M. E. (2015). **A escola e a formação do estudante negro: o ensino de história e cultura afro-**

brasileira e africana. Dissertação de Mestrado. Mestrado Acadêmico Intercampi em Educação e Ensino. Universidade Estadual do Ceará, Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos. Limoeiro do Norte. p.102. Brasil.

Malcher, M. A. F. (2017). Formação e territorialização quilombola no estado do Pará. In: **Revista da ABPN**, v. 9, n. 23, p.57-80.

Munanga, K. (1996, fevereiro). Origem e histórico do quilombo na África. **Revista de Antropologia da USP**, n. 28. São Paulo: USP.

Oliveira, et al., (2016). Cartografia Social da Comunidade Quilombola da Serra do Evaristo-Baturité-CE: Um estudo de caso. **REGNE**, v. 2.

Santos, J. (2019). **Formação, educação e práticas socioambientais sustentáveis: um estudo na comunidade quilombola da Serra do Evaristo, Baturité - Ceará.** Dissertação de mestrado, Mestrado acadêmico em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira. Redenção-CE. p.104. Brasil.

Wiredu, K. (2010). As religiões africanas desde um ponto de vista filosófico. Tradução para uso didático de WIREDU, Kwasi. African Religions from a Philosophical Point of View In: TALIAFERRO, Charles; DRAPER, Paul; QUINN, Philip L. (eds.). A Companion to Philosophy of Religion. Second Edition. Malden; Oxford; West Sussex: Blackwell, p. 34-43, por Lana Ellen T. de Sousa. Revisão de Wanderson Flor do Nascimento.